

O GENERAL MORTO ATACA DE VOLTA

Posted on 8. Januar 2020

Um comentário de Mathias Bröckers.

A questão se o assassinato do general iraniano Soleimani é uma declaração de guerra é fácil de responder se simplesmente virarmos o cenário: um importante general dos "Chefes do Estado-Maior Conjunto" dos EUA é morto por um ataque iraniano/russo/coreano nórdico/chinês durante uma visita diplomática ao Canadá - e o presidente responsável anuncia então na televisão que já era hora de derrubar esse "terrorista número 1". Ao mesmo tempo, ele envia uma mensagem ao presidente dos EUA através da embaixada suíça como mediador de que este ataque "não deve ser entendido como uma declaração de guerra", que não há "nenhum interesse na mudança de regime" e que ele ainda está "aberto" para conversações. Foi o que aconteceu em Teerã, no dia 3 de janeiro, por intermédio do embaixador suíço, que transmitiu esta mensagem da Casa Branca ao governo iraniano e também relatou a resposta esperada: que não se deve sentar à mesa com assassinos e que este ato deve ser punido.

Agora os iranianos não são suicidas e sabem que os EUA, com sua superioridade militar, seriam capazes de arrasar Teerã. Por isso, eles irão considerar cuidadosamente a sua resposta. A única coisa que é clara é que todas as instituições e diplomatas americanos no Médio Oriente são agora um alvo potencial, o que irá aumentar ainda mais os já imensos "custos de segurança" - e é questionável se as tropas dos EUA no Iraque e na Síria podem aguentar mais tempo. Durante o fim de semana, o parlamento iraquiano e todo o gabinete governamental decidiram não tolerar mais tropas estrangeiras no país. Os 3.000 soldados adicionais que o Pentágono agora quer enviar para o Kuwait não vão mudar isso - isso exigiria outra invasão completa com o envio massivo de tropas, e Trump certamente não vai fazer isso no ano das eleições. Especialmente desde que a Rússia e, em segundo plano, a China já deixaram claro no conflito sírio que agora é suficiente com a matança do império americano no Médio Oriente. Eles agora também estão atrás do Irã, o que põe um fim até mesmo aos neocons mais famintos de guerra em Washington, e todos os generais do Pentágono ainda são abençoados com cérebros militares de qualquer maneira. Por um lado, porque, devido ao míssil hipersônico "Avangard", que foi colocado em serviço pelo exército russo no final do ano, os porta-aviões bilhões de dólares da Marinha dos EUA são apenas "alvos fáceis" e não valem nada numa emergência - e, por outro lado, porque os americanos não podem manter o Estreito de Hormuz, sobre o qual corre cerca de um

quarto da oferta global de petróleo, aberto quando o Irã surge com a ideia de o bloquear e de o minar. Pois então não só alguns petroleiros irão explodir, mas também os bilhões de dólares em derivativos e apostas na bolsa de valores ligados ao petróleo e ao preço do petróleo - um desastre econômico contra o qual Black Friday 1929 pareceria o aniversário de uma criança. Trump pode se dar ao luxo de uma queda assim no ano eleitoral ainda menos do que uma grande guerra.

Como sempre, porém, Trump tem a boca cheia e avisou o Irã das ameaças e atos de vingança: eles têm armas maravilhosas e 52 alvos à vista que são importantes para o país e para a "cultura iraniana". O facto de tal ameaça estar a nível bárbaro do estado islâmico ISIS, que destruiu monumentos insubstituíveis na antiga Palmyra, provavelmente nem é notado por um idiota como Donald. Mesmo a grande mídia americana tem pouco problema com este ataque terrorista, a oposição só se queixou de não ter sido informada com antecedência no Congresso. Mesmo o candidato de topo Joe Biden não tinha objecções ao acto, mas queixava-se de que Trump não tinha nenhum plano de como proceder agora.

Ele tem uma - é a "arte do acordo" ao estilo mafioso: amarramos o seu pescoço com sanções, livramo-nos do seu general mais capaz e forçamo-lo a submeter-se - mas não vai funcionar. Em vez disso, este assassinato pode tornar a reeleição de Trump, até agora aparentemente certa, impossível se a resposta for a mesma que o General Soleimani ensinou às suas tropas de elite por mais de 20 anos: assimétrica. Se e como os membros individuais de suas tropas reagirão ao assassinato insidioso de seus estimados comandantes com atos de vingança é difícil de calcular, mas o governo iraniano não agirá à pressa, mas sim deliberadamente - e tem muitas oportunidades de fazer do ano eleitoral um inferno para o "Satanás" de cor laranja na Casa Branca com mil alfinetes.

Ele de alguma forma parece suspeitar disso, se o relatório ainda não confirmado por Eliah Magnier de Teerã é verdade que o Emir do Qatar enviou ao governo iraniano uma "oferta de paz" trunfos: Se não houver ato de vingança, as sanções podem ser relaxadas, se houver, deve consistir em uma "resposta semelhante". Isto significa que um general de quatro estrelas está agora autorizado a disparar? Por incrível que pareça, encaixaria perfeitamente na "arte" de lidar á la Trump. Ou será que ele reparou que o "pântano" que supostamente está a tentar secar para cometer este acto estatal-terrorista, sussurrando para ele, montou

uma armadilha inteligente? Sem suspeitar que as reacções assimétricas contra-terroristas que se seguirão o impedirão, sem dúvida, de ser reeleito, porque não pode iniciar uma grande guerra e não tem resposta contra os muitos pequenos ataques... a não ser colocar templos de mil anos de idade nos escombros.

De alguma forma parece-me que estamos a assistir ao início do fim da hegemonia dos EUA no Médio Oriente, um gigante moribundo de costas para o muro, a bater de forma selvagem. Tudo o que lhe resta é o hardware para pisar e extorquir dinheiro de proteção aos mais fracos, o software que ganha seus "corações e mentes" está definitivamente quebrado. Com o General Soleimani assassinado foi exactamente o oposto: a sua "Força Kuds" móvel estava em movimento apenas com armas ligeiras, mas a admiração e o apoio voavam para eles não só no mundo árabe xiita. Não foram os americanos, não a Arábia Saudita e Israel, que apoiaram o SI, que derrotaram os fundamentalistas bárbaros na Síria e no Iraque, mas as milícias do general Soleimani, assim como as dos curdos e das tropas do líder das milícias iraquianas Abu Mahdi, que receberam o general no aeroporto de Bagdá e também morreram no ataque ameaçado. Esta foi a declaração de guerra de facto não só sobre o Irão, mas também sobre o Iraque. Ambos os generais tinham uma reunião com o primeiro-ministro iraquiano para o dia seguinte. Com o seu assassinato, Donald Trump deixou sair um génio da garrafa que continuará a assombrar o império americano. Os primeiros mísseis já atingiram perto da Embaixada dos EUA em Bagdade...

Mathias Bröckers publicou pela última vez "Don't Kill The Messenger - Freedom for Julian Assange" de Westendverlag." Ele blogs em broeckers.com

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar.

+++

Referência da imagem: Lightspring / Shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos

convidados não têm de reflectir a opinião da equipa editorial.


+++

Gostas do nosso programa? Informações sobre possibilidades de suporte aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora você também pode nos apoiar com Bitcoins.

 BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK